



UFRJ



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

**A importância da pesquisa para o ensino de língua portuguesa:
o caso da colocação pronominal no Português Brasileiro**

Marcio Vaz Piedade de Oliveira

(115193615)

Rio de Janeiro

2022

MARCIO VAZ PIEDADE DE OLIVEIRA

A importância da pesquisa para o ensino da língua portuguesa: o caso da colocação pronominal no Português Brasileiro.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Regina de Oliveira Cavalcante

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

d319i de Oliveira, Marcio Vaz Piedade
A importância da pesquisa para o ensino de língua portuguesa: o caso da colocação pronominal no português brasileiro / Marcio Vaz Piedade de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2022.
20 f.

Orientadora: Silvia Regina de Oliveira Cavalcante.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2022.

1. colocação pronominal. 2. português brasileiro. 3. ensino de língua portuguesa. I. Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. A VISÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL	6
2. OS ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS: SINTAXE E HISTÓRIA	9
CONCLUSÃO	18

Índice de figuras:

Quadro 1: Padrões de colocação pronominal na história do português.....	18
Tabela 1: Padrão de colocação pronominal nas cartas do casal Ottoni (Duarte e Pagotto, 2005. Adaptado.)	12
Tabela 2: Padrão de colocação pronominal nas cartas a Rui Barbosa (Cavalcante, Duarte e Pagotto, 2011. Adaptado)	14
Tabela 3: Percentual da próclise em cartas de brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX (Cavalcante, Thomaz e Rocha, 2019) adaptado.	16
Gráfico 1: Percentual de ênclise ao longo dos séculos XVI e XIX em contextos de variação (Galves e Paixão de Sousa, 2005) Adaptado.	11
Gráfico 2: Percentual de próclise em contextos XV em autores portugueses e brasileiros (adaptado de Cavalcante, 2021).....	15
Gráfico 3: Percentual de próclise em cartas de brasileiros (adaptado de Cavalcante, Thomaz e Rocha, 2019)	17

INTRODUÇÃO

Existe uma diferença entre a fala e a escrita muito grande, ainda mais se considerarmos o problema da colocação pronominal: falamos uma variedade com próclise generalizada mas aprendemos na escola a variedade padrão que ensina a ênclise em contextos sintáticos que usamos a próclise:

Fala: Me chamo Marcio

Escrita: Chamo-me Marcio.

O ensino da colocação pronominal se pauta nas gramáticas normativas e descritivas que privilegiam a norma portuguesa em detrimento da norma brasileira. Os trabalhos de pesquisa na área mostram um quadro de colocação pronominal bem diferente do que é apresentado nas gramáticas tradicionais. Vários trabalhos têm mostrado que até na escrita é possível ver uma evolução em direção à próclise em corpus de cartas pessoais (Cavalcante; Thomaz; Rocha, 2019) em contextos que a gramática prescreve o uso da ênclise.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma descrição dos resultados de pesquisa sobre o assunto; fazer uma descrição sobre como o fenômeno é tratado nas gramáticas escolares (que seguem a tradição gramatical) e discutir como a escola poderia levar em conta a realidade linguística dos alunos.

O quadro teórico adotado se baseia principalmente no quadro teórico dos trabalhos consultados: os trabalhos de pesquisa sobre colocação pronominal estão dentro do quadro teórico gerativista; e para discutir a questão do ensino, vamos adotar o quadro da Variação e Mudança, principalmente no que se refere à questão das variedades de normas e o ensino da norma padrão. Este trabalho traz revisão do tema de estudo da colocação pronominal, em duas gramáticas escolares brasileiras e numa gramática portuguesa, cotejando o que diz a BNCC, em contraponto com o resultado de pesquisas que têm sido desenvolvidas na área de história da língua portuguesa. O objetivo desta revisão é levantar uma discussão sobre o ensino da colocação pronominal na educação básica.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos a visão da Gramática Tradicional e o que é preconizado no ensino gramatical; na seção 2, apresentamos os resultados de pesquisa na história do português e na conclusão apresentamos uma discussão sobre a importância da pesquisa para o ensino.

1. A VISÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

O ensino de gramática nas escolas se baseia na tradição gramatical. Muitas questões abordadas no ensino de sintaxe ou de morfossintaxe dizem respeito somente ao funcionamento da língua, como, por exemplo, formação de palavras. Entretanto, o ensino ou a descrição tradicional de alguns conteúdos gramaticais, como a colocação pronominal, se baseia não no "funcionamento" da língua, mas na norma considerada padrão. Por exemplo: aprendemos na escola que "não se deve iniciar frase com pronome oblíquo átono". Entretanto, o "funcionamento" do português Brasileiro é muito diferente dessa regra. Assim, existe a norma da fala e a norma da escrita: iniciamos as frases com pronome oblíquo quando falamos mas não quando escrevemos. Esse tema é antigo e já foi até abordado por poetas / escritores brasileiros, como Oswald de Andrade em "Pronominais":

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
(Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras
completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1972.)

Neste trabalho, fazemos um levantamento de como o tema é tratado nas gramáticas escolares e propor uma abordagem para o tema, utilizando principalmente os resultados de pesquisa sobre o tema dentro do quadro teórico gerativista e a discussão sobre normas que vem da teoria da variação e mudança. O tema da colocação pronominal deve ser abordado nas escolas não só como uma questão do "funcionamento" da língua, mas também como

uma questão da variedade de normas: devemos considerar que a escola preconiza o ensino da norma padrão, uma norma idealizada, que pode ser artificial, bem diferente da norma culta, tanto falada quanto escrita.

De modo geral, as gramáticas brasileiras privilegiam uma norma padrão de colocação pronominal bem distante da norma vernacular, ou até mesmo da norma culta falada, de brasileiros. Rocha Lima (2011), em sua gramática normativa da língua portuguesa, afirma que “é ilícito iniciar as frases com pronome oblíquo átono”, e continua dizendo que a “a ordem natural do pronome é após o verbo”. Em seguida, mostra os contextos em que se deve usar ênclise, próclise e mesóclise.

Cunha e Cintra (2013), que se propõem na introdução da sua Nova Gramática do Português Contemporâneo, a retratar a língua portuguesa tal como autores do Brasil, de Portugal e de África escrevem do Romantismo até aqui, deixam entender que a abordagem adotada na gramática será mais descritiva do que normativa. Na seção sobre colocação dos pronomes oblíquos átonos, entretanto, Cunha e Cintra afirmam:

“Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ênclise:

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto. (Coelho Netto, *OS*, 1,43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**. (Eça de Queirós, *O*, 1, 124.)”

Por essa primeira afirmação, podemos ver que os autores se pautam numa norma que não é a brasileira de colocação pronominal. Vale ressaltar que todos os exemplos dados são de casos de verbo na primeira posição (absoluta ou início de oração), ou de infinitivo. Vamos ver na seção 2 que tais contextos são de ênclise obrigatória nos textos de autores portugueses.

Cunha e Cintra (2013) continuam a sua explicação apresentando os contextos em que se usa a próclise (com atratores), a mesóclise (no caso de verbo no futuro do presente ou do pretérito) ou ênclise (quando houver uma “pausa” entre um elemento e o verbo). Cunha e Cintra dedicam uma seção à colocação pronominal no Brasil:

“A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no **colóquio normal**, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.”

Como podemos ver, os autores associam o uso da próclise pelos brasileiros a um contexto de “informalidade”, “coloquialidade”; como se falantes cultos brasileiros não usassem em situações de elocução formal a próclise à brasileira. E associam a um uso da língua medieval e clássica. Veremos na seção 2 que essa associação do Português Brasileiro com o português medieval ou clássico não é toda falsa, mas é equivocada tendo em vista as mudanças que ocorrem na história do português.

Esse padrão de norma culta preconizado nas gramáticas brasileiras é bem diferente, entretanto do padrão de colocação pronominal da norma culta portuguesa.

Analisando a Gramática da Língua Portuguesa, organizada por Mateus et alii (2003), no capítulo sobre colocação pronominal, Brito, Duarte e Matos (2003:849) justificam, com base em resultados de pesquisa, a tradição gramatical luso-brasileira preconizar a ênclise como o padrão de colocação básico. As autoras levantam dois argumentos um com base em pesquisas na área da história do português e outro com base em estudos de aquisição. Elas afirmam que no século XVI, o português apresentava um padrão predominantemente proclítico e que houve uma mudança em direção a um padrão enclítico. Com relação aos dados de aquisição, Brito, Duarte e Matos (2003:850) mostram que

“as primeiras produções com pronomes clíticos das crianças portuguesas exibem generalizadamente o padrão enclítico, contrariamente ao que está descrito para outras línguas românicas.”

Não chama-se nada (M, 20 meses)

É que não estragou-se (J. G., 39 meses)

Porque é que foste-me interromper? (R., 29 meses).

Vemos, assim, que a escola brasileira se propõe, em princípio, a ditar uma norma de prestígio que ela julga ser diferente da norma de uso de brasileiros cultos. O mantra “não se deve iniciar frase com pronome oblíquo átono” tem sido repetido nas salas de aula de língua materna como se fosse uma característica de língua estrangeira.

De certa maneira, esse fazer da escola dissoa do que a BNCC propõe para o ensino de linguagem na escola. Segundo a BNCC, os alunos devem “conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita; manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos e **levantar hipóteses em relação à linguagem escrita**, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita

espontânea.” (grifo acrescido). Essas sugestões da BNCC podem indicar que os alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental e os alunos do Ensino Médio podem levantar hipóteses e fazer reflexões sobre a linguagem. Neste sentido, no ensino da colocação pronominal, que envolve erros não de linguagem, mas de norma, caberia à escola trazer a discussão reflexiva sobre a linguagem.

Essa reflexão deveria partir do professor, ou dos profissionais da equipe pedagógica das escolas, na formação dos professores, inclusive ao conhecer a história da língua e os fatores que fazem com que a norma padrão preconizada pela escola seja tão distante da norma culta dos brasileiros escolarizados.

Neste trabalho, vamos apresentar alguns resultados de pesquisa sobre a colocação pronominal na história do português a fim de discutir as regras da gramática. Veremos, com os resultados de pesquisa, que as regras da gramática tradicional estão distantes tanto da norma culta portuguesa quanto da norma culta brasileira. Nesse sentido, o ensino de história da língua se faz fundamental na formação do professor.

2. OS ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS: SINTAXE E HISTÓRIA

Na história do português, se considerarmos os resultados de pesquisa desde o Português Arcaico (séculos XIII a XV) até os dias atuais, vemos uma variação na colocação pronominal, que indica mudança linguística significativa, que separa o português brasileiro (PB) do português europeu (PE) e separa o Português Europeu das outras línguas românicas que têm clíticos. As pesquisas sobre colocação pronominal na história do português, tanto diacrônicas quanto sincrônicas, mostram quadros de mudança que não são considerados no ensino gramatical tradicional brasileiro. Nesta seção, vamos trazer alguns resultados de pesquisa que mostram fases da língua portuguesa relacionadas a diferentes padrões de colocação pronominal. Ao fim da seção, poderemos ver que o ensino de colocação pronominal no Brasil se pauta numa “ideia” de norma de uso europeia, que não é a norma padrão atual do português europeu.

Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) mostram uma mudança na colocação pronominal em textos escritos por autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX: de uma gramática que favorece a próclise (quando tem um elemento antes do verbo) para uma gramática de ênclise generalizada.

Os resultados mostram que há duas fases linguísticas que podem ser detectadas entre os séculos XVI e XIX: os textos dos autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XVII mostram um padrão de colocação pronominal com contextos de variação entre próclise e ênclise (com favorecimento para a próclise), contextos de ênclise obrigatória e contextos de próclise obrigatória. Os textos de autores nascidos a partir do século XVIII mostram uma mudança justamente nos contextos de variação para a preferência pela ênclise. Vamos ver quais são os contextos sintáticos e os resultados.

Os contextos de variação são aqueles com um SN Sujeito, um SP não focalizado e um SADV imediatamente antes do verbo, chamados contextos V2. É nos contextos de variação que vai ocorrer a mudança em direção à ênclise no Português Europeu. Vejamos a seguir os exemplos retirados de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), do *Corpus Tycho Brahe* (<https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>):

Sujeito-V:

- Eu **corro-me** de dizer o que padeço (Melo, 1608) (GBPS, 2005, p. 4)
- Esta fortuna **pesa-me** já muito. (Melo, 1608) (GBPS, 2005, p. 4)

Advérbio-V:

- Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho, ... (Couto, 1542) (GBPS, 2005, p. 4)
- Hoje **me parto**. (A. Chagas, 1631) (GBPS, 2005, p. 4)

Sintagma Preposicional-V:

- Em troca disto **ofereço-lhe** da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e... (Alorna, 1750) (GBPS, 2005, p. 4)
- Para os críticos **me deu** Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ... (Melo, 1608) (GBPS, 2005, p. 4)

Os contextos de ênclise obrigatória: início de oração e início de período, os contextos de verbo na primeira posição (V1) e os contextos de próclise obrigatória são aqueles em que

há um operador de próclise, tal como negação, conjunção subordinativa, elemento focalizador, entre outros (Oper cl-V).

Galves, Britto e Paixão de Souza (2005) mostram que a mudança ocorre justamente nos contextos de variação. No gráfico 1 a seguir vemos a curva de mudança dos contextos V2 com variação com preferência para próclise nos séculos XVI e XVII com subida do percentual da ênclise.

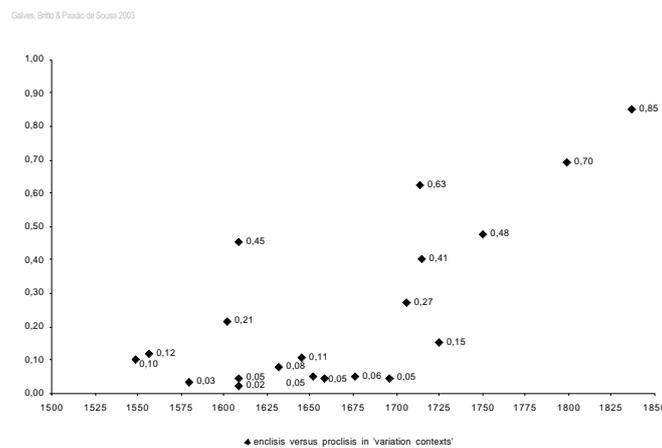


Gráfico 1: Percentual de ênclise ao longo dos séculos XVI e XIX em contextos de variação (Galves e Paixão de Sousa, 2005) Adaptado.

Esse quadro de mudança é importante para os estudos da colocação pronominal no PB, por dois motivos: 1) é o padrão do português clássico que chega ao Brasil junto com os portugueses colonizadores e 2) é o português clássico o padrão de prestígio adotado pelas gramáticas tradicionais brasileiras.

O avanço nos estudos sobre a história da colocação pronominal, principalmente no Brasil, mostram um quadro de mudança a partir do padrão encontrado no Português Clássico. Vamos tratar aqui dos estudos sobre cartas pessoais desenvolvidos, principalmente, no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro, coordenado nacionalmente pelo professor Ataliba de Castilho (USP). O estudo da mudança linguística em cartas pessoais é importante porque faz aparecer uma norma mais próxima do vernáculo, tendo em vista o gênero carta pessoal.

Duarte e Pagotto (2005) analisam cartas escritas pelos avós Ottoni a seus netos em meados do século XIX. Os resultados encontrados revelam uma situação de “diglossia” entre a escrita do vovô e a escrita da vovó: o padrão de colocação pronominal do vovô Ottoni se

assemelha ao padrão do Português Clássico, ao passo que o da vovó se assemelha ao Português Brasileiro. Esse quadro pode ser explicado pelo grau de escolaridade / letramento diferente entre os cônjuges: o avô foi senador do Império e depois da República; a avó foi dona de casa. Os exemplos abaixo mostram essa diferença e também a tabela que segue:

1. e os sabados sempre fa-co Paõ doce e **me**lembro de de que sevoce estivesse aqui avia **me**ajudar equan-do elles vem açadinhos do forno eu digo logo se Tixe istivesse aqui como elle avia de gostar. (Carta 30, avó)
2. Da um a-braço a Ninia e a Tio Lulu e **tem**via muitos beijos e abraços Sua Didinha *que* muito **os** ama. (Carta 39, avó)
3. Da um abraço a Bebê e dise-**lhe**: fase de conta que é vovô quem **te** abraça. (Carta 5, avô)
4. [...]: abraça-**te** e abençoa-**te** de coraçãõ Teu avô e amigo C. B. Ottoni. (Carta 8, avô)

Contexto	Avó			Avô		
	cl-V	V-cl	%cl-V	cl-V	V-cl	%cl-V
V1 absoluto	3	2	60%	0	4	0%
V1 início oração	1	0	100%	0	9	0%
V2	18	2	90%	4	9	31%
Prep.+ Inf.	2	0	100%	1	5	17%
Operador	27	0	100%	25	0	100%
Total	51	4	93%	30	27	53%

Tabela 1: Padrão de colocação pronominal nas cartas do casal Ottoni (Duarte e Pagotto, 2005. Adaptado.)

A Tabela 1 mostra nas cartas da avó uma preferência pela próclise, independente do contexto sintático, inclusive em contextos de verbo no início de período e de sentença; já o avô apresenta um comportamento próximo dos autores portugueses do Português Clássico: ênclise nos contextos de V1; próclise com operadores e variação nos contextos de XV.

Outro estudo interessante é o de Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011), com base nas cartas escritas a Rui Barbosa quando este estava em exílio. Os autores controlam os mesmos contextos:

- *Contextos V1*

1. **Aguardava-me** para, depois de conhecido o resultado definitivo do pleito de 27 de Junho ultimo, congratular-me com *Vossa Excelência* pela brilhante e merecida victoria alcançada (Carta 7/f.1)
 2. Antes de dar meo parecer acerca do incendio que destruiu uma parte do corpo principal do edificio e a torre central em que se achava o relógio da Fabrica do gaz, **permitta-me** que preceda-o de alguns esclarecimentos relativos ao serviço do gaz. (Carta 5/f.1)
 3. Satisfaço a tua encomenda **enviando-te** a reforma Judiciaria impressa em um folheto. (Carta 3/f.1)
 4. Cartas como essa tua, meu Ruy, são para mim de grande preço: **confortam-me** na difficil vida que levo (Carta 1/ f.1)
 5. Causou bôa impressão o teres sido nomeado membro de uma associação de ahi, todos elogião a escolha, **fazen-te** os maiores elogios. (Carta 12/f.9)
- *Contextos V2*
 1. Golpe tremendo **lacerou-te** o coração! (Carta 2/f.1)
 2. Nesta outra **dirijo-me** ao amigo para dizer-lhe que nem hoje nem nunca me atribua o intuito de magoal-o em artigos d' O Paiz. (Carta 9/f.1)
 3. mostrei aos dois o trecho de tua carta referente a esse ponto, imediatamente **prestarão-se** a examinar tudo (Carta 15/f.1)
 4. d. porque assim eu tomava já uma resolução e vinha *muito* a proposito, pois **apparecerão-me** dois alugadores para a minha casa (Carta 14/f.10)
 - *Contextos V2: Variação do Português Clássico*
 1. Olha: – eu **te considero** como um dos mais distinctos alumnos que tenho tido; amo-te como a filho, e tenho fé de que has de ser uma das glorias do Gymnasio Bahiano. (Carta 1/ f.1)
 2. O futuro **te espera** grandioso: - prepara-te dignamente para elle. (Carta 1/f.1)
 3. não creio e francamente **te digo** (Carta 11/f.2)
 4. Até que, encontrando-me com o Doutor Lacombe a quem não via a mais de seis mezes, elle **me contou** então tudo (Carta 11/f.1)
 - *Contextos de V1: Inovação do Português Brasileiro*
 1. Mandei procurar *muitas* vezes o tal Conde, *para* te pagar os 15 contos, **te affianço** que esse canalha paga, espero ate o fim do mez isto. (Carta 11/f.5)

■ *Contextos de próclise obrigatória*

1. Conformou-se, como se conformou com a não construção das novas fabricas, que a *Companhia* exime-se de construir (Carta 5/f.9)

Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011) se baseiam na mesma metodologia de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) a fim de verificar até que ponto o padrão encontrado está mais próximo do Português Clássico, do Português Europeu ou do Brasileiro. Os resultados estão na tabela a seguir:

Contexto	Carlos Aguiar			Outros Missivistas		
	cl-V	V-cl	%cl-V	cl-V	V-cl	%cl-V
V1 absoluto	8	20	29%	0	15	0%
V1 início oração	3	38	7%	1	14	7%
V2	22	10	69%	7	9	44%
Prep.+ Inf.	12	13	48%	1	11	8%
Operador	131	6	96%	22	11	67%
Total	176	87	67%	31	60	34%

Tabela 2: Padrão de colocação pronominal nas cartas a Rui Barbosa (Cavalcante, Duarte e Pagotto, 2011. Adaptado)

Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011) mostram um comportamento diferente entre o missivista Carlos Aguiar e os outros missivistas: numa pesquisa sociohistórica, os autores mostram que o missivista Carlos Aguiar se destaca entre os outros missivistas por ser amigo íntimo de Rui Barbosa, e isso se reflete nas cartas do Carlos, em que podemos ver um padrão mais próximo do Português Brasileiro. Na tabela 2, vemos uma preferência pela próclise nos contextos de variação (69% para o Carlos e 44% para os outros missivistas) e um índice de próclise significativo, se consideramos o tipo de contexto, em sentenças com verbo na primeira posição (29% para o Carlos, e 0% para os outros missivistas).

Essa amostra de cartas permite ver um resultado mais próximo do português brasileiro. De fato, os trabalhos de Thomaz (2017), Rocha (2018) e Cavalcante, Thomaz e Rocha (2019), realizados com base em uma amostra maior de cartas pessoais, considerando missivistas nascidos ao longo dos séculos XIX e XX, mostram uma aproximação na escrita de padrões já atestados para a fala. Antes de mostrar os resultados de Cavalcante, Thomaz e

Rocha (2019), vamos mostrar um gráfico resumindo diferentes trabalhos sobre o tema em amostras diversas da escrita de brasileiros e portugueses:

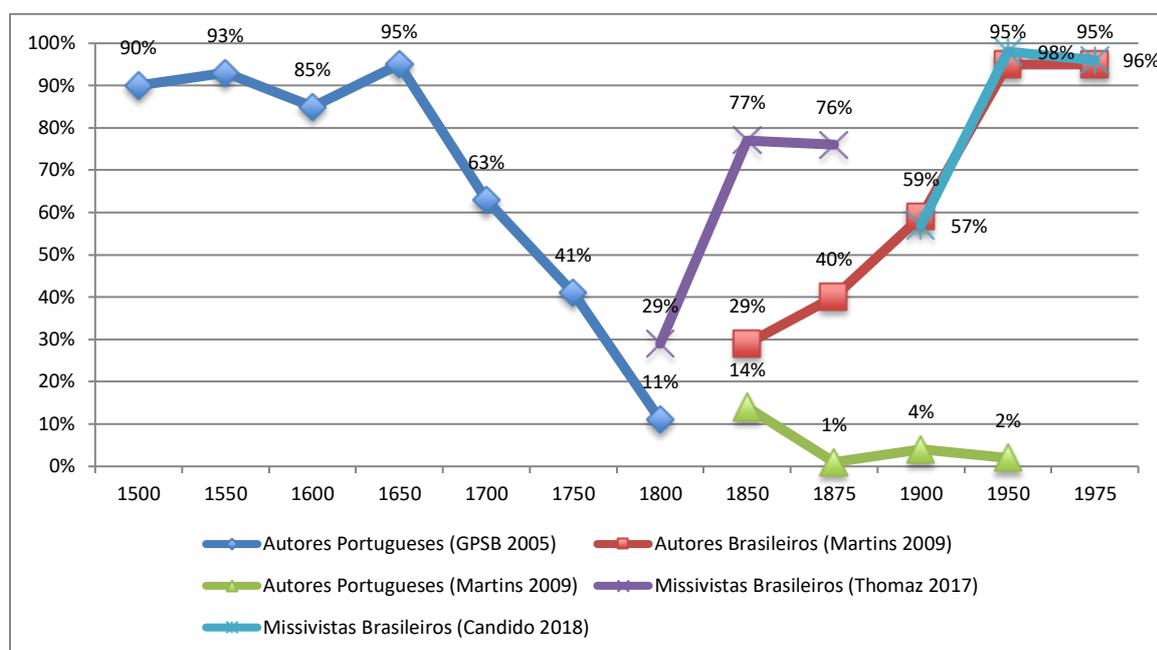


Gráfico 2: Percentual de próclise em contextos XV em autores portugueses e brasileiros (adaptado de Cavalcante, 2021).

O Gráfico 2 mostra dois quadros distintos sobre a colocação pronominal: a completude da mudança que ocorre do Português Clássico para o Português Europeu: da preferência pela próclise em contextos XV de variação no PC para a preferência pela ênclise nos mesmos contextos no PE. Veja as curvas dos autores portugueses de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e de Martins (2012). Por outro lado, mostra também a preferência pela próclise nos contextos de variação para os autores brasileiros: veja as curvas dos autores brasileiros de Martins (2012), Thomaz (2017) e Candido (2018). Os autores / missivistas brasileiros se afastam do padrão do Português Clássico, indo em direção ao padrão do PB: a preferência pela próclise.

Os resultados de Cavalcante, Thomaz e Rocha (2019) mostram que na escrita epistolar de brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX ocorre um aumento da próclise não só em contextos de variação mas também com o verbo na primeira posição. Ou seja, em cartas pessoais podemos observar a implementação da próclise (que é como se fala) na escrita. Vejamos os exemplos dos contextos estudados na amostra de Cavalcante, Thomaz e Rocha (2019):

Contexto #V1

1. **Te** abraço com o maior carinho. (Maria Teresa/16 de outubro de 1912)
2. **Me** chamo Alessandra, apelido Danda, tenho 22 anos e sou ariana. (Alessandra, 16/06/2012)

Contexto V1

1. Quando me fôr possível **lhe** escreverei sempre. (Maria Leonor/29 de fevereiro de 1920.)
2. Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, **te** escreverei uma carta como tu gostas bem grande e bonita, (Jayme, 13/02/1937)

Contextos XV

1. Naquele resistro da portaria **se** meche a eletrecidade e o moutor na cacimba do Arco-Verde; (Maria Leonor/11 de julho de 1920)
2. Depois **lhe** contarei se tiver qualquer conforto nestes meus desejos da alma. (Maria Leonor / 22 de agosto de 1920)
3. Ella **me** dis-se que só Titia Mimi foi delicada. (Maria Joana/12 de abril de 1925)
4. Madre da Divina Pastora **me** diz que é em Março. (Maria Leonor/29 de fevereiro de 1920.)
5. Isso **me** desistressa. (Camila, 09/03/2012)
6. Mas a música **me** da ânimo mesmo... (Wesley, 09/09/2010)
7. Eu na noite de terça feira para quarta eu tive um sonho com voçe eu depois **tecomto**. (Maria, 07/10/1936)

Os resultados podem ser resumidos na Tabela 3 a seguir:

	1826-1850	1851-1875	1876-1900	1901-1925	1926-1950	1951-1975	1975-2000
	N / T %	N / T %	N / T %	N / T %	N / T %	N / T %	N / T %
#V1	0/6 0%	2/27 7%	31/187 17%	3/57 5%	1/5 20%	51/65 78%	21/25 84%
V1	1/13 8%	4/11 36%	41/95 43%	12/76 16%	6/16 38%	45/58 78%	9/10 90%
XV	15/39 38%	31/38 82%	243/322 75%	94/181 52%	30/43 70%	275/284 97%	30/31 97%

Tabela 3: Percentual da próclise em cartas de brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX (Cavalcante, Thomaz e Rocha, 2019) adaptado.

É interessante notar o aumento no índice de próclise, não só nos contextos de variação (XV), que apresentam os maiores índices de próclise desde a primeira metade do século XIX, mas também o aumento nos contextos de V1, tanto do verbo na primeira posição absoluta (#V1), quanto no início de sentença (V1).

O gráfico mostra o quadro mais claramente da implementação da próclise generalizada nas cartas de brasileiros:

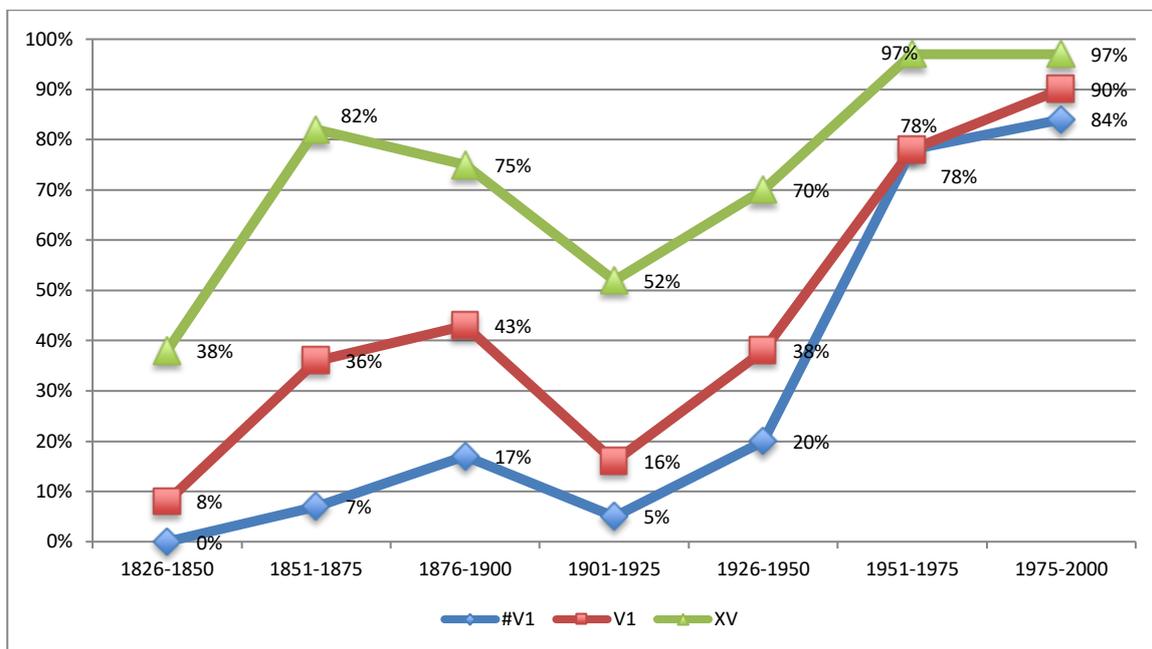


Gráfico 3: Percentual de próclise em cartas de brasileiros (adaptado de Cavalcante, Thomaz e Rocha, 2019)

Os trabalhos em história da língua que se baseiam no pressupostos teóricos gerativistas são importantes no sentido de mostrar, no padrão de colocação pronominal, a existência de três gramáticas: a gramática do português clássico, a gramática do português europeu e a gramática do português brasileiro. O quadro abaixo mostra as características principais de cada gramática, no que diz respeito à colocação pronominal:

Contextos	PClássico	PE	PB
Interpolação da negação	Em subord. e raízes neutras	Negação	---
XV X= Suj, AdvP, PP	X V-cl X cl-V **	X V-cl	X cl-V
Prep. + Infinitivo	P V-cl P cl-V **	P V-cl (obr. "a") P cl-V **	P cl-V
#V1	#V-cl	#V-cl	#cl-V

V1	X, V-cl X, cl-V	X, V-cl	X, cl-V
----	--------------------	---------	---------

Quadro 1: Padrões de colocação pronominal nas gramáticas do português

Assim, podemos dizer que a gramática tradicional considera a norma dos autores portugueses nascidos no século XVI como o padrão de colocação pronominal, como afirmam Cunha e Cintra (2013). Essa afirmativa, entretanto, não condiz com os resultados de pesquisa: o padrão de colocação pronominal do PB **não** é o da “língua medieval ou clássica”, uma vez que ocorrem mudanças em direção a uma próclise generalizada, atingindo os contextos de verbo na primeira posição, ou de verbo em início de sentença.

CONCLUSÃO

Vimos neste trabalho uma breve visão de gramáticas tradicionais brasileiras sobre a colocação pronominal e vimos também uma revisão de alguns resultados de pesquisa sobre o tema. A tradição gramatical preconiza uma norma idealizada sobre a colocação pronominal que se aproxima, de certo modo, ao padrão do Português Clássico, e não do Português Europeu culto atual. Os resultados de pesquisa mostram diferentes quadros de mudança em que podemos ver três gramáticas no que se refere à colocação pronominal: a gramática do português clássico, a do PE e a do PB.

Não considerar os resultados das pesquisa sobre a história da língua dificulta o ensino de língua portuguesa nas escolas. De fato, Pagotto (1998), em seu texto sobre norma e condescendência, ciência e pureza, faz uma análise sobre alguns fenômenos linguísticos comparando os textos da Constituição do Império (1824) e da Constituição da República (1889). Sobre a colocação pronominal, Pagotto (1998) observa uma preferência pela próclise no texto do Império e uma preferência pela ênclise no texto da República, nos mesmos contextos sintáticos. Isso ocorre, segundo Pagotto (1998), porque ao longo do século XIX foi feito um grande trabalho discursivo de constituição da norma brasileira baseada na norma europeia. Pagotto afirma que o embasamento “científico” para esse discurso de construção da norma advém das pesquisas linguísticas que ganhavam terreno.

Desse modo, segundo Pagotto (1998), a construção da norma culta brasileira foi baseada no que a elite intelectual do século XIX considerava como padrão – o Português Europeu – que era bem diferente do Português Clássico, ou do Português Brasileiro. Já a norma culta portuguesa foi sedimentada com base no que os escritores cultos escolhiam como norma, no processo natural da mudança linguística (de próclise no século XVI para ênclise no século XIX nos contextos XV).

O ensino desse tópico nas escolas deveria ser considerado como o ensino de uma propriedade gramatical diferente da gramática vernacular dos alunos. De fato, os alunos são ensinados a “não iniciar frase com pronome oblíquo átono” e “a ordem natural do pronome é a ênclise”, só que eles não são expostos a esses dados nem na fala do dia a dia nem nos textos escritos a que eles têm acesso. Neste caso, não são aplicadas diferenças sociais para a diferença do padrão de colocação pronominal do aluno e o que ele deve aprender na escola, como é no caso da concordância verbal, por exemplo. Crianças nascidas em lares de pais altamente escolarizados e que estão em contato com pessoas escolarizadas são expostas a dados com frequência de concordância verbal e nominal mais alta do que crianças nascidas em lares de pais não escolarizados e que têm contato com pessoas menos escolarizadas.

No caso da colocação pronominal, crianças de diferentes classes sócio-culturais não estão expostas a mesóclise (Poder-se-ia dizer que..) ou à ênclise na primeira posição (Passa-me o sal, por favor). Elas estão expostas à próclise generalizada. Essa próclise, que não é a próclise do Português Clássico, não é considerada na escola, a escola só preconiza o ensino da ênclise.

A boa formação do profissional que vai atuar na sala de aula passa pelo conhecimento dos resultados de pesquisa para saber qual a língua do seu aluno e a língua que o aluno tem que adquirir via instrução formal. Assim, fica mais adequado um ensino que parta da competência linguística do aluno para que ele chegue aos saberes gramaticais da escola. Não estamos dizendo que não se deve ensinar a ênclise na escola, mas sim que o ensino deve se pautar em questões de aquisição de uma “segunda língua”, com os cuidados que se tem ao ensinar uma língua estrangeira. Assim, o ensino sai de uma lista de regras a ser decorada para uma reflexão sobre o conhecimento do aluno e o saber que ele pode aprender na escola. E, no caso da colocação pronominal, até a escolha de textos motivacionais é difícil, porque se vamos considerar a realidade, para o fenômeno, deveremos adotar textos dos séculos XVI, XVII nas aulas de gramática.

A resposta provisória é que nas gramáticas escolares a abordagem da colocação pronominal é a norma de uso portuguesa e que há problemas na escrita (hipercorreção, por exemplo) gerados por conta do conflito entre a norma de uso brasileira com a norma prescrita pelas gramáticas. Além disso, apesar dos inúmeros trabalhos científicos sobre o tema, ainda há uma distância entre os resultados de pesquisa e o ensino efetivo do tema nas escolas ou pelas gramáticas e livros didáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. BNCC: Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.
- BRITO, A. M., DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia das expressões pronominais. In: Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- CAVALCANTE, S. R. de O.; THOMAZ, D. S.; ROCHA, L. C. A implementação da próclise na escrita de missivistas brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX. *LABORHISTÓRICO*, v. 5, p. 142-165, 2019.
- CAVALCANTE, Silvia; DUARTE, Maria Eugenia; PAGOTTO, Emilio Gozze. “Clíticos no século XIX: uma questão de posição social?” In: CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afranio (Org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 167-218.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. (2013) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 6ª. ed.
- DUARTE, M. E. L.; PAGOTTO, E. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In: Lopes, Célia Regina dos Santos. (Org.). *A Norma Brasileira em Construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. 1a.ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2005, v. , p. 67-82.
- GALVES, C. M. C.; BRITTO, H; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. “The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n.1, 2005. p. 39-67.
- Lima (1900) gramática normativa
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

- LOBO, Tânia. *A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1993.
- MARTINS, M. A. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do português*. Natal: EDUFRN, 2012. 229p.
- Oswald de Andrade ANDRADE, O. *Obras completas*, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- PAGOTTO, E. Norma e Condescendência, Ciência e Pureza. In. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 1, Campinas: Pontes, 1998.
- ROCHA, Leandro C. Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde: a colocação pronominal em cartas pessoais dos séculos XX e XXI. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- THOMAZ, D. S. *A colocação pronominal em cartas pessoais da Família Pedreira Ferraz Abreu Magalhães: Um caso de competição de gramáticas*. Dissertação de Mestrado, FL/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.